

Lideranças populistas, *firehosing* e a dinâmica algorítmica: um estudo dos posicionamentos de Jair Bolsonaro*

Populist Leadership, Firehosing, and Algorithmic Dynamics: A Study of Jair Bolsonaro's statements

* Artigo submetido à mesa 30 «Liderança política, crise da democracia e desinformação na América Latina» do IX Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores de Campanhas Eleitorais (ALICE).



Aryovaldo de Castro Azevedo Jr.
Professor associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pesquisador no Grupo de Pesquisa em Comunicação Eleitoral (CEL/UFPR).
castroazevedo@ufpr.br
ORCID: 0000-0001-6545-1206



Ramon Fernandes Lourenço
Relações Públicas na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Mestre em Ciência da Informação (UEL) e pesquisador no Grupo de Pesquisa em Comunicação Eleitoral (CEL/UFPR).
uel.ramon@gmail.com
ORCID: 0000-0003-3254-307X

Cómo citar el artículo

Azevedo Jr., Aryovaldo de C. y Fernandes Lourenço, Ramon (2023): «Lideranças populistas, firehosing e a dinâmica algorítmica: um estudo dos posicionamentos de Jair Bolsonaro». *Revista Más Poder Local*, 54: 96-123. <https://doi.org/10.56151/maspoderlocal.150>

Resumo

A ascensão de governos de direita ao redor do globo tem revelado estratégias comuns que são replicadas em diversos países. Para investigar este fenômeno, o artigo apresenta casos de Jair Bolsonaro a fim de identificar características comuns ao perfil de lideranças populistas autocráticas como a espetacularização da política por meio de declarações polêmicas e polarizadoras e a ampla disseminação de desinformação. Para tanto optou-se por analisar as declarações disseminadas via Twitter e correlacioná-las ao contexto político brasileiro a fim de entender se tais ações constituiriam um reforço do posicionamento deste ator ou simplesmente uma forma de desviar o foco de problemas reais que poderiam interferir em seus interesses políticos. Como conclusão é possível constatar forte vinculação com o conceito de populismo autoritário, principalmente vinculado às narrativas nacionalistas e belicosas, além da implementação de forte movimento de ataques à imprensa e ampla utilização de menções religiosas cristãs. A utilização sistemática destes elementos demonstra um intenso conhecimento da dinâmica algorítmica que rege as conversações nas mídias sociais, com o uso de apelos emocionais que fomentam sentimentos de ódio e de medo em favor do engajamento, estratégia na qual tanto apoiadores quanto adversários auxiliam no processo de difusão e exposição de mensagens, o que garante hiperexposição aos perfis e aos temas levantados pelo presidente e seus apoiadores.

Palavras-chave

Populismo; desinformação; espetacularização; comunicação política; propaganda.

Abstract

The rise of right-wing governments around the globe has revealed common strategies that are replicated in a variety of countries. To investigate this phenomenon, the article presents cases such as Jair Bolsonaro's to identify common characteristics in the profile of autocratic populist leaders, such as the sensationalization of politics through controversial and polarizing statements, as well as the widespread dissemination of disinformation. To achieve this, the article chooses to analyse statements disseminated via Twitter and correlate them with the Brazilian political context, aiming to understand whether these actions constitute a reinforcement of this actor's stance or simply a way to divert attention from real problems that could interfere with their political interests. As a conclusion, a strong connection to the concept of authoritarian populism is evident, primarily linked to nationalist and bellicose narratives, alongside the implementation of a vigorous campaign attacking the press and extensive use of Christian religious references. The systematic utilization of these elements demonstrates an in-depth understanding of the algorithmic dynamics governing conversations on social media. Emotional appeals are used to fuel feelings of hatred and fear to drive engagement. This strategy involves both supporters and opponents, contributing to the diffusion and exposure of messages. As a result, there is a hyper exposure of profiles and topics raised by the president and his supporters.

Keywords

Populism; disinformation; spectacularization; political communication; propaganda.

1. Ascensão da direita internacional

A ideosfera contemporânea é local da disputa entre valores progressistas e conservadores, globalizantes e nacionalistas, científicos e religiosos, dentre outras dicotomias postas de modo simplificador para tentar explicar a complexa realidade que caracteriza as relações humanas e sociais (Jaguaribe, 1997). Os crescentes choques entre local e global têm como base a tentativa de assumir uma posição perante este processo de mutação nas relações internacionais. O surgimento de manifestações nacionalistas em contrapartida ao processo de integração que estabelece normas de conduta globais é um dos sintomas destes choques causados com a internacionalização e que redundam na condição *glocal* (Robertson, 1992). A glocalização é uma planetarização e uma comunitarização, é a formação de uma nova sociedade cosmopolita global (planetária) como uma rede de comunidades (sócio-territoriais e virtuais – subnacionais e transnacionais) interdependentes (Azevedo Junior, 2005: 33).

Os valores dominantes deste ideário estão relacionados às diretrizes macroeconômicas do Consenso de Washington (Bresser-Pereira, 1990) com a defesa do livre mercado e a redução da ingerência do Estado na economia, num receituário propagado desde o acordo de Bretton Woods (1944). Estas diretrizes são implementadas por instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BIRD), que integram a Organização das Nações Unidas (ONU), tendo centenas de países cotistas nestas instituições.

Tanto o FMI quanto o BIRD defendem disciplina fiscal, redução dos gastos públicos, reforma tributária, juros de mercado, câmbio de mercado, abertura comercial, eliminação de restrições ao investimento estrangeiro direto, privatização de empresas estatais, desregulamentação de leis econômicas e trabalhistas e direito à propriedade intelectual.

Esta cartilha neoliberal tem gerado aumento crescente da concentração de renda global, como aponta estudo de 2020 da organização não governamental britânica Oxfam. Neste, foi constatado que a riqueza dos 2.153 bilionários do mundo é maior que a do somatório de 4,6 bilhões de pessoas, aproximadamente 60% da população mundial (Oxfam Brasil, 2020). Com a pandemia de Covid-19 o quadro se agravou, sendo que a fortuna dos dez homens mais ricos do mundo dobrou, ao passo que a renda de 99% da humanidade decaiu (Oxfam, 2022). Estudos de 2021 divulgados pelo World Inequality Lab (2021) revelam que, desde 1995, os 1% mais ricos concentraram dezenove vezes mais riqueza global do que todos os 50% mais pobres da humanidade. Esta riqueza extremamente concentrada conduz também a uma concentração de poder político e reforça a manutenção do *status quo* (Chomsky, 2017: 1.597).

Os efeitos nocivos da globalização estimulam as lutas contra as perdas de direitos que, embora ocorram no âmbito dos Estados-Nação, são vinculadas ao processo assimétrico de integração à globalização. Estas disputas passam a alimentar discursos populistas de lideranças nacionalistas que, retoricamente, se contrapõem ao multilateralismo que caracteriza as relações internacionais contemporâneas e reforçam propostas de viés autocráticos que questionam o próprio formato das sociedades e regimes democráticos.

No caso brasileiro, vale destacar que Bolsonaro tinha relevante apoio do mercado – nominado genericamente de *Faria Lima* (região da capital do estado de São Paulo com forte presença de bancos e *fintechs*) por defender algumas pautas típicas do Consenso de Washington, como juros e câmbio de mercado, privatização de empresas estatais, desregulamentação de leis econômicas e trabalhistas. Contudo, ele também enfatizava uma abordagem ufanista que demonstrava a necessidade de desenvolver a autonomia produtiva nacional com subsídios a alguns setores econômicos (seja na produção, seja no consumo), desregulamentação ambiental para possibilitar o avanço da fronteira agrícola para a Amazônia, críticas ao expansionismo comercial chinês e, sob o viés ideológico, aos princípios globalizantes que estariam vinculados à relativização dos valores familiares cristãos.

Em 2019, o Índice de Democracia da *The Economist* apontou o declínio da saúde democrática em setenta países, usando critérios como respeito ao devido processo legal, liberdade religiosa e espaço dado à sociedade civil. Cerca de metade das nações podem ser consideradas democracias enquanto a outra metade tende ao autoritarismo. O estudo aponta como principais variáveis da crise das democracias contemporâneas (EUI, 2019) o choque de interesses entre elites empresariais e econômicas, com forte capacidade de influenciar políticas públicas, em detrimento de interesses populares difusos; a dissociação entre os interesses das elites políticas e o dos eleitores, insuflando a rejeição à política e abrindo espaço para *outsiders* populistas e; o declínio nas liberdades civis, incluindo a liberdade da mídia e de expressão.

Decorrente deste conjunto de variáveis, em muitos países a direita conservadora tem ganhado representatividade, com discurso antiglobalista e com forte viés nacionalista, apontando políticas de integração internacional como responsáveis por problemas econômicos e sociais. A percepção geral é que o autoritarismo está em ascensão e a democracia em declínio. Países como Hungria, Turquia, Rússia, Polônia, Índia, El Salvador, Filipinas e Brasil (no período entre 2018-22, durante a gestão bolsonarista) passam a questionar a plenitude do funcionamento do sistema democrático para a governança nacional, utilizando uma retórica ufanista para se contrapor às crises que estes atores conservadores apontam enquanto causa do aumento da pobreza. A repressão à oposição é ascendente na China, Bielorrússia, Tailândia, Egito, Uganda, Sri Lanka, Bangladesh, Venezuela e Nicarágua. E mesmo golpes militares ainda ocorrem, como em Mianmar, Sudão, Mali e Guiné (Roth, 2021).

No contexto contemporâneo internacional uma ampla crise de confiança nas democracias liberais, decorrente de severos problemas socioeconômicos subsequentes à crise financeira global de 2008, conduz ao crescimento daquilo que Stuart Hall (1978) definiu como populismo autoritário, numa combinação entre retórica nacionalista e política neoliberal, representadas por lideranças como Jair Bolsonaro (Brasil), Narendra Modi (Índia) e Viktor Orbán (Hungria), dentre outros. De forma geral, o populismo representa reações contra o *establishment* enquanto produz novos mecanismos de engajamento público e político, produzindo uma moralidade dicotômica que opõe «o povo» contra «a elite», numa narrativa maniqueísta que contrapõe a pureza de uma vontade coletiva popular contra a forma corrupta da política encampada pela «elite» (Narita e Morelock, 2019: 285).

Naomi Klein (2017) destaca que em todo o mundo forças de extrema-direita estão ganhando terreno ao explorar o poder do nacionalismo nostálgico e a raiva contra burocracias estatais combinadas a discursos preconceituosos contra minorias, num *mix* retórico que mescla a pauta econômica neoliberal com aspectos morais vinculados a práticas religiosas conservadoras.

Nesta perspectiva, a oratória de Jair Bolsonaro vale-se do uso variado de desinformação com técnicas retóricas de distorções, descontextualizações e deturpações de fatos, difusão de mentiras e boatos, críticas à imprensa, além de gerar confusão entre comunicação pessoal e comunicação governamental ao utilizar sua conta pessoal nas redes sociais, com destaque para YouTube e Twitter, para expor pontos de vista que indiciam posições oficiais, numa (con) fusão entre privado e público. Seu comportamento beligerante influenciou no crescimento de discursos de ódio e preconceito alimentados por desinformação propagada principalmente nas redes sociais sob o manto da *liberdade de expressão* (Ezequiel e Cioccarelli, 2017).

2. Pseudoeventos

Davenport e Beck (2001) utilizam o conceito de economia da atenção, no campo do marketing, para ilustrar a relevância de se conseguir a atenção dos consumidores para marcas específicas num universo repleto de opções. Aplicado ao campo do marketing político, identifica-se que numa sociedade hiper informada, com uma infinidade de veículos de informação e plataformas midiáticas, a disputa pela atenção estrutura comportamentos que buscam romper a indistinção com o uso de elementos surpreendentes, extraordinários e/ou disruptivos. Assim, a criação ou exploração de situações impactantes, com potencial de viralização, tem pautado a ação de atores políticos para a consecução de espaço midiático editorial. A defesa de posicionamentos polêmicos tem a intenção de gerar visibilidade, consolidar identificações e preferências junto aos cidadãos e, desta forma, consolidar apoios que, em períodos eleitorais, podem redundar em votos.

Tal como a lealdade a uma marca no mundo dos produtos, a preferência por um partido ou ator político tem componentes emocionais e cognitivos que influenciam no comportamento do cidadão-consumidor na definição de seus vínculos com propostas e partícipes políticos. As funcionalidades de tais vínculos se manifestam através da percepção seletiva e da organização inteligível da informação política, com ajustes interpretativos que resolvam eventuais dissonâncias cognitivas e emotivas causadas por percepções incongruentes do ambiente político. Estes filtros ajudam o eleitor na significação sobre seu partido ou candidato preferencial e na busca por informações que consolidem sua perspectiva sobre estes, de modo a reforçar e projetar a visão de mundo do próprio eleitor (Lavareda, 2009: 37).

A mídia e os veículos de comunicação de massa se tornam centrais enquanto elos entre os agentes políticos e o vasto e difuso contingente de cidadãos. Por isso a televisão, o rádio, o jornal, a revista, a internet e as mídias sociais são meios que conectam as pessoas e transcendem o espaço físico.

Onipresentes, servem como principal referência das pessoas para o relacionamento social (Silverstone, 2011).

Cientes desse poder informacional ubíquo, os políticos apelam à sua utilização valendo-se de estratégias comunicacionais que possibilitem sua inserção de modo consistente num universo hiperinformacional em que a velocidade e a relevância concorrem pela atenção da audiência, o que torna necessária a adequação de narrativas anteriormente calcadas no racional e presencial para o ambiente midiático:

«(...) a política vem apresentando alterações importantes pela necessidade de se adequar à dinâmica deste novo espaço eletrônico, configurado pelas redes de mídias, como suporte à nova dimensão pública da contemporaneidade. A adequação deve ser entendida como absorção e utilização das linguagens e dos recursos midiáticos, em sua dimensão estético-cultural, mas não obrigatoriamente em uma condição mercantil, entretenimental e espetacular. Isto implica conceber que a lógica produtiva da mídia opera dimensões estético-cultural e mercantil-entretenimental-espetacular, que comparecem na fabricação de seus produtos simbólicos, mas que não se sobrepõem, obrigatoriamente, em todas as situações» (Rubim, 2004: 208).

Neste sentido, torna-se recorrente a construção de abordagens espetaculares na tentativa de obtenção de espaço destacado no ecossistema de mídia. O conceito de espetáculo introduzido pelo escritor francês Guy Debord (1968) aborda o conjunto das relações sociais mediadas através das imagens, abarcando das manifestações interpessoais à política, asseverando que tudo acaba sendo mercantilizado e envolvido por imagens. Consequentemente, esse processo gera a alienação pelo que é espetacular e leva a necessidade de ajuste da ação política, calcada na persuasão, para a utilização de elementos condizentes com as plataformas midiáticas, cada vez mais vinculadas a aspectos espetaculares.

No discurso político, os conceitos envolvendo algum tipo específico de estereótipo adotado por candidatos e atores políticos, tendo como finalidade tornar suas imagens mais mercantilizáveis, são explorados por Schwartzberg (1977) em *O estado espetáculo*. Há dois motivos pelos quais ele cita a importância de compor uma imagem de si mesmo. O primeiro deles está ligado à necessidade de se fazer conhecer, destacando características que se consolidem enquanto símbolos determinantes e visíveis que passam a ser espetacularizados e viralizados. O segundo motivo para criar uma imagem de si é que essa imagem servirá como o esboço de um programa, como se determinado perfil indicasse as ações que serão realizadas, num processo metonímico de autorreferenciação e transferência simbólica.

Neste artigo propomos um terceiro motivo, que é a mudança de foco para evitar o debate sobre temas que são prejudiciais para a imagem pública do ator político. A criação de situações com finalidades diversionistas é usual na atividade política. Seja no *Panem et circenses* romano, seja na mistificação de inimigos da pátria nos populismos contemporâneos, a mudança de foco é um elemento útil para reduzir críticas em momentos de crise ao buscar agendar

o debate público com a utilização de estratégias que gerem visibilidade midiática e repercussão social.

A história do presente é construída sobre o acontecimento. A mídia produz o acontecimento, já que a ocorrência de um fato não o torna histórico. Para que ele seja elevado a acontecimento, é necessário que seja conhecido: que circule na mídia (Gregolin, 2003). Para tanto, a construção de pseudoacontecimentos tem se tornado usual na seara política a fim de direcionar a atenção para situações impactantes, espetaculares e dissociadas de aspectos críticos e problemáticos que possam afetar a credibilidade do ator político.

Pseudoacontecimentos são ações planejadas com o propósito imediato de serem reportadas ou reproduzidas pela mídia e que reforçam o posicionamento do político em determinadas plataformas temáticas, usualmente fundindo informação e entretenimento de modo a atrair a atenção da imprensa e dos internautas (Katutani, 2018). A dinâmica da política 2.0 tem o potencial de usar as redes sociais como termômetro das demandas sociais a fim de alinhar o discurso e potencializar a aceitação popular e, no caso apreciado por este artigo, propagar material sensacionalista, com postagens que potencializam a interação com informações que valorizam o discurso emocional focado no medo, ódio ou raiva (Katutani, 2018).

Soma-se a isto a curadoria feita pelos algoritmos de mídias sociais como Facebook, Twitter, YouTube que limita as fontes de informação dos internautas, reforçando visões preexistentes, congruentes ao repertório cultural do usuário e aos seus esquemas e enquadramentos mentais, funcionando como caixas de ressonância ideológicas. O termo *schemas* (esquema) se refere ao processo interpretativo que ocorre na mente humana por meio do qual as pessoas fazem sentido das situações. Já os *frames* (quadros) referem-se a textos construídos a partir do processo de selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para aquela questão. Ou seja, a interpretação particular sobre um acontecimento (Entman, 1993).

Neste contexto de bolhas digitais, torna-se usual o reforço a comportamentos estereotipados que acabam por estimular uma crescente espiral silenciosa que torna a percepção de mundo condicionada pela ação planejada de lideranças que se valem da espetacularização midiática conquistada pelo fomento a pseudoacontecimentos, enquadrados de modo enviesado ou artificial para reforçar perspectivas ideológicas de funcionamento da sociedade. Estes pseudoacontecimentos geram espaço noticioso e viralização orgânica (ou orquestrada com uso de *bots*), ajudando a visibilizar algumas notícias enquanto invisibilizam outras, de modo a reforçar narrativas consonantes ao posicionamento do ator político no mercado eleitoral e a influenciar na formação da opinião pública.

3. Dinâmica algorítmica da atenção e *firehosing*

O fenômeno da comunicação horizontal (*peer to peer*) subverte as definições tradicionais de fatos e notícias para valorizar versões, geralmente espetaculares, para gerar engajamentos que remuneram *websites* ou perfis pelos acessos de usuários. Esta é a lógica dos algoritmos que movimentam as mídias digitais, destacando versões, normalmente distorcidas da realidade, que buscam os cliques e a remuneração comercial. Também são utilizadas na política, com o intuito de disseminar visões e posicionamentos, mesmo que às custas da difusão de boatos e revigoração de preconceitos. Versões que geram desinformação e que têm causado estragos nas disputas políticas ao redor do mundo.

A retroalimentação informacional entre redes sociais e jornalismo é elemento crucial para a orquestração de ações planejadas para interferir no debate público, e isto tem sido realizado de forma recorrente por lideranças populistas, que se valem da espetacularização e da desinformação como ferramentas de geração de atenção e difusão de narrativas consonantes aos seus interesses.

O uso de desinformação retomou força nos últimos anos nas mãos de estrategistas de marketing político, ganhando maior alcance graças ao desenvolvimento tecnológico e à massificação e popularização de dispositivos com acesso à internet. Álex Grijelmo (2017) caracteriza a manipulação da informação e a construção de pós-verdades como elementos decorrentes do uso contemporâneo de mecanismos retóricos como insinuação, pressuposição, descontextualização, inversão da relevância e mesmo difusão de boatos e mentiras, utilizados ordinariamente por alguns atores políticos que objetivam a viralização nas mídias sociais. E é neste contexto marcado pelo uso planejado de desinformação para interferir no debate público que o processo político atual se constrói.

Este artigo utiliza alguns casos de Jair Bolsonaro, que numa dinâmica cinética e acelerada de declarações polêmicas, verdadeiras ou falsas, inunda as redes sociais e a cobertura jornalística com o intuito de agendar o debate social, naquilo que é conhecido por *firehosing*, técnica de propaganda russa caracterizada pelo alto volume de conteúdo produzido de forma rápida, contínua e repetitiva, sem comprometimento com a realidade e sem integração consistente entre os múltiplos e constantes conteúdos produzidos, com o objetivo principal de gerar alienação ao contraditório pois, pelo excesso informacional, tende-se a filtrar as informações consistentes com percepções subjetivas consolidadas, reforçando as informações selecionadas pela percepção seletiva consonantes ao viés de confirmação pessoal enquanto refuta ou ignora as divergentes (Paul e Matthews, 2016).

Optou-se por analisar declarações polêmicas disseminadas via Twitter e correlacionar ao contexto político a fim de entender se tais ações constituiriam um reforço do posicionamento deste ator político ou simplesmente uma forma de desviar o foco de problemas reais que poderiam interferir em seus interesses político-eleitorais. Neste artigo, entende-se declaração polêmica como uma peça informacional emitida (pelo então presidente Bolsonaro) com o intuito de repercutir nas redes sociais ou imprensa em razão de

sua atualidade temática, de seu enquadramento dogmático, de seu potencial de engajamento digital e/ou social sob o viés de gatilho passional para apoio ou refutação e, principalmente, pela falta de fundamentação científica ou relação factual com o acontecimento utilizado para difundir a desinformação.

4. Jair Bolsonaro

Na eleição presidencial de 2018 o país estava polarizado entre forças progressistas, que defendiam um maior nível de intervenção estatal na economia, manutenção do estado de bem-estar social e liberalização de costumes e, de outro lado, os conservadores, que se contrapunham com valores como livre mercado, estado mínimo, religiosidade e família patriarcal (Motta, 2018; Gugliano, 2023).

Bolsonaro, representante do conservadorismo brasileiro, encampava pautas como a contestação de políticas de direitos humanos para gerar endurecimento no combate à criminalidade; contestação de políticas inclusivas de minorias (LGBTQIA+, negros, índios e mulheres) para gerar a proteção aos valores familiares tradicionais e; discurso moralizante e anticorrupção para combater o mau uso do dinheiro público. Tudo isto permeado por um posicionamento eminentemente antipetista, que vinculava mazelas nacionais aos anos de administrações do PT, partido que representaria a corrupção e o comunismo.

Mas não bastava desqualificar o adversário com fatos. Versões e narrativas fantasiosas foram incorporadas na inédita campanha em que, mesmo sem tempo de televisão, valeu-se de pseudoeventos (eventos planejados para espalhamento via redes sociais) e deturpação de fatos para reforçar sua narrativa antissistema. Além disso, o então candidato pregava a descredibilização da política, indicando que o Congresso estaria contaminado pelo esquerdismo corruptor dos anos petistas, agregado pela forte rejeição ao então presidente Michel Temer (MDB), eleito como vice na chapa encabeçada pela presidenta *impichada* Dilma Rousseff (PT), e que sofreu severas acusações de corrupção (Shalders, 2019).

Assim, Bolsonaro pregava que seria necessária uma forte renovação na forma de fazer política, com críticas à política tradicional, colocando-se como um *outsider*, como um candidato antissistema. E, pasme, isso apesar de, paradoxalmente, ser parte do sistema político que criticava, com longa trajetória parlamentar, tendo cumprido sete mandatos como deputado federal e tendo passado por vários partidos desde 1988, quando ingressou na atividade política: PDC entre 1988 e 1993; PPR de 1993 a 1995; PPB de 1995 a 2003; PTB de 2003 a 2005; PFL em 2005; PP entre 2005 e 2016; PSC entre 2016 e 2017. Firmou compromisso com o Patriota (PEN) em 2017 para disputar a presidência da República, mas optou pelo PSL em 2018, após receber deste partido a garantia de ser cabeça de chapa (Lambert, 2018).

Candidato à presidência, sem tempo de HGPE¹, sua estratégia eleitoral mesclava pseudoeventos e uso sistemático de desinformação. Somados ao atentado a faca que sofreu num ato de campanha e que gerou forte comoção, o capitão reformado do exército foi abraçado pelos conservadores e pelos eleitores que estavam saturados pelas denúncias de corrupção levantadas pela operação Lava Jato, as quais pululavam na cobertura da imprensa e minavam a crença na política, em geral, e na credibilidade do PT, em particular.

Nas eleições presidências de 2018, num universo potencial de 115 milhões de votos, subtraídos 10 milhões de votos brancos ou nulos e outros 31 milhões de abstenções, o então candidato pelo PSL recebeu 57 milhões de votos (55,13% dos votos válidos) e derrotou o petista Fernando Haddad, com 47 milhões (44,87%). Tornou-se presidente da República no período de 2018 a 2022, estabelecendo a ascensão da extrema direita ao poder e inaugurando uma ostensiva campanha reeleitoral desde o momento em que foi confirmada sua vitória nas urnas.

Após a vitória eleitoral que o levou à presidência da República, divergências com o presidente do PSL pelo controle do milionário fundo partidário que o partido teria direito, Bolsonaro deixou o partido, em 2019, e procurou fundar uma agremiação própria (Aliança pelo Brasil) (Moliterno, 2022), numa malograda tentativa que acabou por, finalmente, conduzi-lo ao PL, em 2021 (Frazão e Gayer, 2021), partido eminentemente fisiológico, envolvido em vários escândalos de corrupção, mas que abriu as portas para que o então presidente tentasse sua reeleição numa legenda com representatividade e estrutura nacionais (Araujo, 2021 ; Frazão e Valfré, 2021). Incumbente em 2022, acabou derrotado pelo ex-presidente Lula da Silva (PT), numa disputa extremamente acirrada, em que Lula foi eleito com 60 milhões de votos (50,90%) contra 58 milhões de Bolsonaro (49,10%) e que teve a mesma receita de 2018: pseudoeventos e desinformação, só que desta feita, potencializadas pelo forte uso da máquina pública gerida pelo então presidente Bolsonaro (Carranca, 2022).

Vale ressaltar que, apesar das inúmeras mudanças de legenda, Bolsonaro manteve-se incólume ao seu perfil arrivista e conservador, conferindo consistência ao seu posicionamento ideológico no qual destacam-se o combate ao comunismo, redução do tamanho do Estado e confronto contra a avanços relacionados aos direitos humanos, ambientais e trabalhistas. Inclusive, todos estes elementos foram fortemente combatidos, exceto, talvez, a redução do estado pois, para governar, Bolsonaro que iniciou sua gestão com retórica antissistema e com choques recorrentes com o Congresso Nacional, chegando a afirmar que o Brasil era ingovernável por causa de interesses corporativos variados, muitos deles representados pela ação de parlamentares fisiológicos e patrimonialistas, culminou por convocar às ruas sua base de apoio popular (Poder 360, 2020; Brasil de Fato, 2020), mas não teve sucesso nesta contenda.

Fracassado na disputa, aderiu à *realpolitik* e compartilhou seu poder com os partidos do Centrão-bloco suprapartidário informal caracterizado pela aderência ao governo de ocasião, independente de viés ideológico, desde que

1. Propaganda oficial no rádio e televisão, com tempo definido pela representatividade da bancada de deputados federais.

tenha acesso a cargos e verbas para utilizar de forma pragmaticamente fisiológica. Assim, compôs com partidos eminentes deste bloco como PSL, DEM², Patriota, PSC, MDB, PP, Republicanos, PL e PTB, dentre outros.

Delegou a gestão orçamentária ao presidente da Câmara dos Deputados, Artur Lira (PP) (Corrêa, 2022) e ateu-se de forma consistente à guerra cultural em que reforçava seu viés populista autocrático com o mote Deus, Pátria, Família e Liberdade e a defesa de pautas de costumes de viés conservador (Norberto, 2022; Rodrigues, 2022).

5. Metodologia

Para realizar este estudo foram coletados os *tweets* postados no perfil oficial do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (PL) no Twitter. A coleta foi realizada entre 01 de fevereiro de 2022 e 03 de julho de 2022, direto no sistema de busca do Twitter, que resultou em 34 *tweets* para o corpus de análise. Os dados coletados foram analisados a partir da abordagem metodológica da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), utilizando-se da técnica de análise categorial que atua a partir do «(...) desmembramento do texto em unidades (decomposição), para serem em seguida agrupadas em categorias, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido». (Cardoso, De Oliveira e Ghelli, 2021: 104).

A análise se deu a partir da identificação dos temas dos posts como unidades de registros, obtidos a partir de uma primeira leitura do material analisado. Com as unidades de registro identificadas, o processo de categorização foi realizado utilizando-se do critério semântico, que vincula o tema do post ao contexto das principais controvérsias nas quais Jair Bolsonaro estava envolvido naquele período, gerando o quadro abaixo, como síntese do conhecimento extraído dos posts (Tabela I).

A partir da categorização dos *tweets* por temas e subtemas foi possível identificar quais as principais controvérsias presentes no perfil oficial do chefe de estado, verificando também quais destas controvérsias geraram maior engajamento na rede do então presidente. Apresenta-se agora uma análise do desenvolvimento destes temas ao longo do tempo.

2. PSL e DEM se fundiram para formar o União Brasil.

Tabela I. Análise dos principais assuntos no Twitter.

Macro categorias (contexto)	Categorias	Unidades de registro	Nº de tweets	Respostas	Re-tweets	Curtidas
Crises de governo	Meio-ambiente	Imagem internacional e falas de Leonardo di Caprio.	2	8.670	35.100	140.000
	Economia	Custo da energia elétrica; redução de impostos dos combustíveis, em itens de alimentação, compras internacionais entre outros.	4	19.914	65.500	336.300
Campanha permanente	Apoio Internacional	Encontros com personalidades norte-americanas: jornalista, Elon Musk.	4	26.500	103.800	526.900
	Lula / Esquerda	Ataques à Lula e a «esquerda».	7	53.484	145.300	611.100
	Críticas ao governo	Declaração de voto da Anitta, BBB 2022, Desfiles de Carnaval 2022.	4	42.518	84.100	467.300
	Aborto	Aborto.	3	37987	98.100	214.900
	Policial / Segurança	Valorização dos policiais; imagens de crimes.	4	13.949	56700	287.300
	Interações de mídias sociais	Memes e mensagens com ações de governo.	6	63.467	125.300	576.700

5.1. Controvérsias de Bolsonaro

Ao longo do primeiro semestre de 2022 Jair Messias Bolsonaro priorizou em seu perfil no Twitter temas ligados à sua plataforma política, voltado às pautas que auxiliaram em sua eleição, tais como o combate ao aborto e os discursos sobre segurança, violência e valorização das forças policiais. Além destes assuntos, que permanecem presentes ao longo de todo o período de governo do presidente, outros temas relacionados ao período mais atual ganham relevância. A corrida eleitoral ganha importância na atenção do presidente ao investir esforços na criação de conteúdo contrário a Lula (PT), que está presente em diversos *tweets* ao longo do período analisado. Abaixo detalhamos os temas apresentados.

5.1.1. Crises de governo

Os quatro anos de governo de Jair Messias Bolsonaro foram repletos de crises, das mais diversas naturezas. Seja com a troca de ministros na área da educação, as repercussões de suas opiniões na imprensa ou as aparições em motocicletas e em momentos de lazer, sempre como uma forma de se manter como um dos assuntos mais comentados da semana. Assim surge a necessidade da criação dos pseudoeventos, estratégia importante para manter a visibilidade e também para tirar a atenção das crises de governo.

5.1.1.1. Meio-ambiente e Economia

Dentre as diversas crises envolvendo o governo federal ao longo dos primeiros meses de 2022, duas delas foram as que tiveram a atenção do mandatário no período analisado, as que envolveram o tema ambiental e os impactos da inflação. Ao longo de todo o período de governo a pauta ambiental teve destaque nos noticiários nacionais e internacionais, com o crescimento constante do desmatamento na Amazônia, no afrouxamento da legislação ambiental e o desmonte dos órgãos estatais responsáveis pelas políticas públicas de preservação ambiental.

Neste contexto, é importante observar que ao longo de uma atuação voltada para proteção dos interesses de grandes produtores rurais em detrimento à proteção do meio-ambiente, o então presidente Jair Bolsonaro volta sua preocupação com relação à sua imagem internacional, prejudicada pelas crises de meio-ambiente de seu governo. Esta questão fica evidenciada no *tweet* em que é compartilhado um vídeo produzido em inglês cujo objetivo é combater as «narrativas» dos conservacionistas com os «fatos» defendidos pelo governo.

Ao longo do vídeo é repetida a mensagem «Não é uma narrativa, são fatos», como forma de defender um posicionamento de que o governo está lutando contra grupos que espalham desinformação. Nesta mensagem fica claro o esforço de deslegitimar para o público internacional as denúncias do desmonte das instituições de proteção ambiental no país e do crescente desmatamento, principalmente na região da Amazônia, criando uma realidade paralela com os mecanismos de desinformação por meio dos algoritmos das mídias digitais.

Por fim, uma mensagem chama a atenção neste material: «Peço enviar a amigos que morem no exterior», um pedido direto aos apoiadores para que a mensagem chegue para aqueles que moram fora do país, uma forma de mobilizar sua rede de apoiadores para serem propagadores de suas ideias. Esta é uma estratégia comum para levantar o engajamento das postagens, utilizando a lógica algorítmica em benefício próprio.

Já na outra mensagem destacada, Bolsonaro responde a uma mensagem proferida por Leonardo DiCaprio, que vem sendo reconhecido por suas ações em prol da preservação do meio-ambiente. Com relação à Amazônia, não é a primeira vez que o ator se envolve em defesa da floresta. Nesta oportunidade DiCaprio se junta a outras personalidades na campanha #tiraotitulo hoje, que busca engajar a juventude brasileira para que participe nas eleições de 2022. Para isto, utiliza a preocupação com a preservação da floresta amazônica e seu papel nas mudanças climáticas. Como resposta, Jair Bolsonaro repercute a mensagem do ator com uma provocação como resposta: «Nosso povo decidirá se quer manter nossa soberania na Amazônia ou ser governado por bandidos que servem a interesses especiais estrangeiros».

Este exemplo pode ser utilizado para ilustrar a estratégia do uso de «pseudoeventos» como forma de tirar a atenção de pautas importantes. Ao optar por dar destaque ao «conflito» com Di Caprio, Bolsonaro utiliza da visibilidade que o ator tem para emplacar seu discurso nacionalista, favorecendo seu

próprio conteúdo. Foi uma estratégia de se apropriar do fato extraordinário de ter um ator internacionalmente conhecido para compartilhar seu posicionamento sobre a questão ambiental para o público internacional.

Figura 1. Tweets relacionados à economia e meio-ambiente.

The image shows a screenshot of a Twitter thread from the account of Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro). The tweets are as follows:

- Tweet 1 (Apr 6):** "Bandeira verde para todos os consumidores de energia a partir de 16/04. A conta de luz terá redução de cerca de 20%." (4,111 replies, 13 mil retweets, 66,5 mil likes)
- Tweet 2 (May 12):** "Nova rodada de redução de impostos reflete no preço dos alimentos aos Brasileiros."
 - .Carne bovina: de 10,8% para 0
 - .Carne de frango: de 9% para 0
 - .Farinha de trigo: de 10,8% para 0
 - .Bolachas e biscoitos: de 16,2% para 0
 - .Produtos de padaria e pastelaria: de 16,2% para 0.
 (4,945 replies, 16,7 mil retweets, 72,2 mil likes)
- Tweet 3 (Apr 6):** "Para aliviar o bolso dos brasileiros, estamos criando as condições necessárias para que os governadores ZEREM os impostos estaduais dos combustíveis, além de reduzir e limitar o teto do ICMS para outros bens essenciais. Se o problema é perda de arrecadação, nós pagamos a conta!" (5,701 replies, 15,1 mil retweets, 73,1 mil likes)
- Tweet 4 (May 21):** "Não assinarei nenhuma MP para taxar compras por aplicativos como Shopee, AliExpress, Shein, etc. como grande parte da mídia vem divulgando. Para possíveis irregularidades nesse serviço, ou outros, a saída deve ser a fiscalização, não o aumento de impostos. Boa tarde a todos!" (5,157 replies, 20,7 mil retweets, 124,5 mil likes)
- Video Tweet (May 9):** "A verdade da preservação ambiental comparando o Brasil ao mundo. São fatos. Peço enviar a amigos que morem no exterior. Presidente Jair Bolsonaro." (435,4 mil visualizações, 3,222 replies, 16 mil retweets, 49,7 mil likes). The video shows Jair Bolsonaro in military-style clothing holding a jaguar.
- Quote Tweet (Apr 29):** "Thanks for your support, Leo! It's really important to have every Brazilian voting in the coming elections. Our people will decide if they want to keep our sovereignty on the Amazon or to be ruled by crooks who serve foreign special interest. Good job in The Revenant! 🇺🇸" (5,448 replies, 19,1 mil retweets, 90,3 mil likes). The quote is from Leonardo DiCaprio (@LeoDiCaprio) regarding climate change and the Amazon.

Fonte: Twitter.

Outra área crítica para o governo Bolsonaro ao longo daquele período foi a situação econômica pela qual passava o país. Semanalmente eram pautas nos principais jornais do país questões como os aumentos nos combustíveis, na energia elétrica, nos alimentos e seus impactos na vida dos cidadãos. Esta grande visibilidade dada às pautas econômicas é também utilizada pelo então presidente para promover suas ações voltadas para mitigar os impactos da crise aos cidadãos. Como resultado, é possível verificar uma quantidade razoável de *tweets* que tratam da diminuição de impostos como forma de baixar o preço de produtos e serviços.

Com relação à controvérsia sobre o aumento de preços dos combustíveis, o então presidente utilizou esforços para tirar o foco da responsabilidade do Governo Federal neste processo, criando uma verdadeira disputa entre o executivo federal e os governadores dos estados. Neste contexto, Bolsonaro utilizou a narrativa de que seu governo estava criando as condições para que os

gestores de cada estado retirassem os impostos dos combustíveis, colocando o peso pelo aumento dos preços nos colos destes agentes. Aqui novamente vemos que a criação de factoides, como a «queda de braço» entre a Presidência da República e os governadores dos estados ganha mais destaque que a pauta central, o aumento nos preços da gasolina e as políticas públicas que deveriam vir em resposta para aliviar os impactos à população. Esta estratégia foi muito utilizada ao longo de todo o governo Bolsonaro para desviar a atenção dos pontos importantes, estabelecendo uma verdadeira cortina de fumaça para confundir a opinião pública.

5.1.2. Campanha permanente

Dentre os dados coletados, as principais categorias das quais os *tweets* se estruturam podem ser agrupadas em uma estratégia chamada de campanha permanente. O conceito de campanha permanente parte da «[...] compreensão de que os atores políticos, sejam governos, sejam líderes políticos ou partidos, buscam estratégias de visibilidade e formas de fidelizar o eleitorado de maneira contínua e não somente nos períodos eleitorais» (Fernandes *et al.*, 2016: 82). Desta forma, ao analisar as mensagens compartilhadas pelo presidente durante o período analisado fica evidente que o esforço de reforçar mensagens sobre as pautas morais, a oposição à esquerda, a busca por apoio internacional, entre outros, contribuem com este processo de manter grande visibilidade, misturando a comunicação governamental com as estratégias de campanha (Fernandes *et al.*, 2016: 83).

5.1.2.1. Segurança Pública e Aborto

A comunicação de Jair Bolsonaro mantém a linha da estratégia de campanha ao longo de todo o seu governo, repetindo os temas que auxiliaram em sua eleição em 2018. De acordo com Ranzani e Caram (2019, p. 4), as eleições foram marcadas pelo contexto de polarização e cinco temas tiveram destaque: «corrupção, seguida por segurança, educação, direitos civis, economia». Com isso, vemos que há alinhamento nos temas ressaltados por Bolsonaro em seu perfil no Twitter em 2022 com as discussões realizadas durante a campanha em 2018.

A pauta da segurança pública é sempre presente em períodos de eleições, em qualquer esfera de poder, mas a forma como ela é empregada por Bolsonaro, principalmente após ser eleito presidente, é diferenciada. Ao analisar os *tweets* compartilhados em seu perfil é possível perceber como o discurso sobre a segurança pública abre espaço para outros temas vinculados, como a incitação à violência e a violência policial. As menções sobre a atuação de policiais que «neutralizam» marginais são evidências claras deste tipo de abordagem, que traz com ela outros elementos como a noção de que «bandido bom é bandido morto», frase constantemente repetida ao longo do processo eleitoral.

Esta aproximação à categoria dos profissionais de segurança é também estratégica para a busca de apoio político, pois este é um importante reduto de apoiadores de Bolsonaro, sendo a distinção entre marginais e «cidadãos

de bem» essencial para manter a pauta armamentista viva no imaginário coletivo dos apoiadores do presidente, tendo nesta temática belicosa, novamente, outra pauta de campanha que é trabalhada extensamente ao longo de seu mandato presidencial.

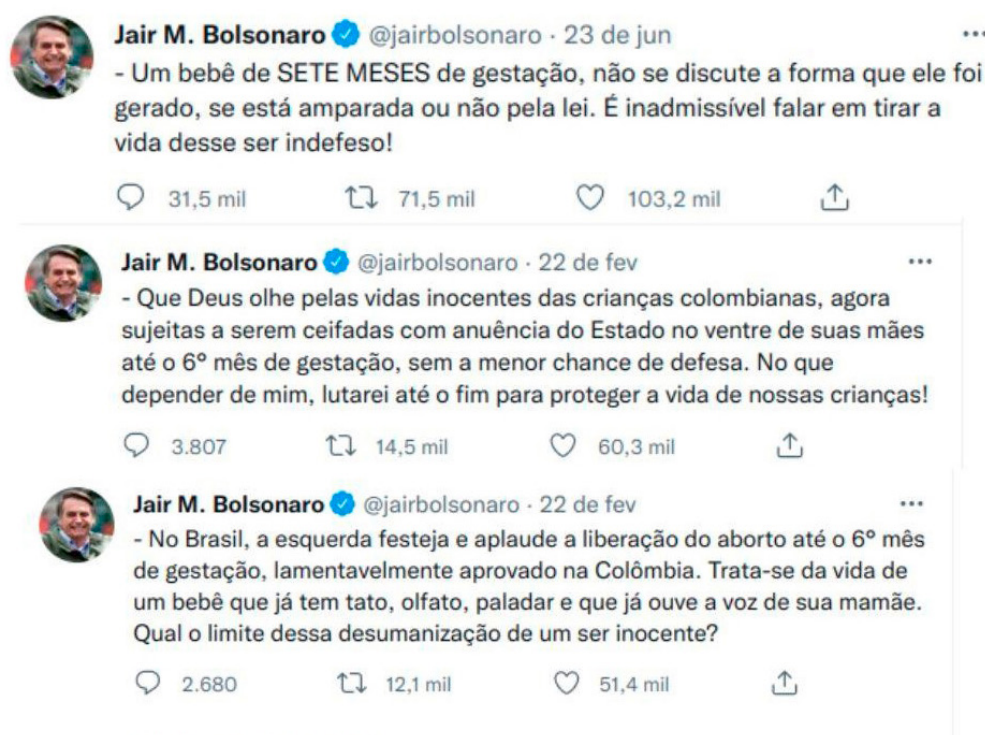
Figura 2. Tweets sobre segurança pública.



Fonte: Twitter.

Outro elemento da plataforma eleitoral de Bolsonaro é a controvérsia do aborto, que se vincula a outras questões importantes que mobilizam discussões e engajamentos nos conteúdos do presidente. Nos *tweets* compartilhados estão presentes dois fatos diferentes, um de fevereiro e outro de junho. Em fevereiro, a Corte Constitucional da Colômbia descriminalizou o aborto até 24 semanas de gestação. Anteriormente o país considerava o aborto legal em caso de estupro ou incesto, malformação fetal que inviabilizasse a vida ou quando a gravidez constituísse perigo à saúde da mulher. No Brasil, esta decisão repercute e o presidente aproveita a oportunidade para fazer uso político deste fato, vinculando-o com seu discurso religioso.

Figura 3. Tweets sobre aborto.



Fonte: Twitter.

Já o caso de junho refere-se ao episódio de uma criança de 11 anos de idade, do estado de Santa Catarina, que havia sido estuprada ainda com 10 anos de idade. Após meses a gestação foi descoberta e o aborto, garantido pela legislação brasileira em casos de estupro, foi negado pelo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e só foi realizado após ação do Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) que interpelou em favor da criança, contrariando a Justiça e a Promotoria de Santa Catarina. Esta ação foi amplamente divulgada e ganhou a atenção de outros notáveis, incluindo o presidente da República.

Nestes dois casos é possível visualizar como as lógicas algorítmicas das mídias sociais são utilizadas por Jair Bolsonaro para ampliar sua visibilidade nas redes. Ao trazer conteúdos que geram discussão, são geradas também interações nos perfis do presidente, ampliando sua visibilidade. Esta estratégia atende a dois resultados importantes: ampliar sua rede de influência e também engajar sua rede de apoiadores.

5.1.2.2. Lula e Críticas ao Presidente

Este é o tema que mais recebeu atenção do presidente ao longo da análise, o que mostra já grande mobilização em razão da corrida eleitoral que se aproximava ao longo dos primeiros meses de 2022. Antes do período oficial para

início da campanha eleitoral, as eleições foram pautadas em momentos específicos, como nos desfiles de Carnaval e em manifestações de famosos.

Durante o Carnaval de 2022, atipicamente realizado em abril, em decorrência de novo recrudescimento da Covid-19, algumas escolas tiveram como pontos de seus enredos menções críticas ao presidente da República. No Rio de Janeiro, a escola Unidos da Tijuca teve como enredo de um de seus carros o Projeto de Lei 191, que tramita no Congresso para liberar a mineração em terras indígenas. As investidas de Bolsonaro e aliados contra as terras indígenas estão dentro do contexto da destruição ambiental causada pelo governo federal e seus aliados.

Já em São Paulo, o presidente foi citado em duas escolas. A Gaviões da Fiel retratou o «presidente fascista», com um casal com terno e faixa presidencial, no meio de uma ala de militares, em meio ao samba enredo que tratava do combate ao racismo e ao fascismo. A escola Rosas de Ouro ressaltou os posicionamentos do presidente com relação às vacinas, ao retratá-lo em um dos carros tomando vacina e virando jacaré. É justamente esta apresentação que foi pauta de um *tweet* de Bolsonaro, sempre utilizando um tom jocoso.

Além das escolas de samba, famosos e influenciadores começaram a revelar seus votos de forma antecipada, demonstrando apoio ao então pré-candidato Lula (PT). Nas controvérsias presentes na rede de Jair Bolsonaro, as menções à cantora Anitta são as mais evidentes. A artista declarou seu voto em Lula ao mencionar o assassinato de Marcelo Arruda, tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu/PR. Marcelo foi assassinado por apoiador de Bolsonaro, crime que gerou ampla repercussão e ganhou a atenção da cantora e do presidente. Após a declaração de votos, a troca de mensagens entre Jair Bolsonaro e Anitta se intensifica. Nos *tweets* analisados é possível verificarmos a menção da conversa de Anitta com Leonardo DiCaprio e o *tweet* relacionado ao BBB22, que recebeu uma resposta direta da cantora.

Por fim, os ataques diretos a Lula estão presentes ao longo do período analisado. Os conteúdos produzidos por Bolsonaro exploram a imagem de ladrão, amplamente utilizada na campanha de 2018, vinculando com fatos novos. Há também o uso de conexões com as afirmações vinculadas a religião, como as que Lula e a «esquerda» são contrários às igrejas e são favoráveis ao aborto. Outro ponto que foi foco de atenção foi a união política de Lula com Geraldo Alckmin (PSB), novamente utilizando um tom jocoso.

Nesta disputa entre ações de defesa às menções do Carnaval e dos famosos na campanha de apoio à Lula, Bolsonaro revida com ataques ao então pré-candidato do PT, acionando sua rede de apoiadores no que pode ser vislumbrado com um bom exemplo da estratégia de *firehosing*. Esta estratégia pode ser identificada com mais evidência nesta categoria de análise, pois são as mensagens que têm maior número de compartilhamentos (*retweets*), mostrando que a rede de apoiadores de Bolsonaro atuou ativamente para espalhar os *tweets* do presidente.

Figura 4. Tweets críticos ao governo e Lula.



Fonte: Twitter.

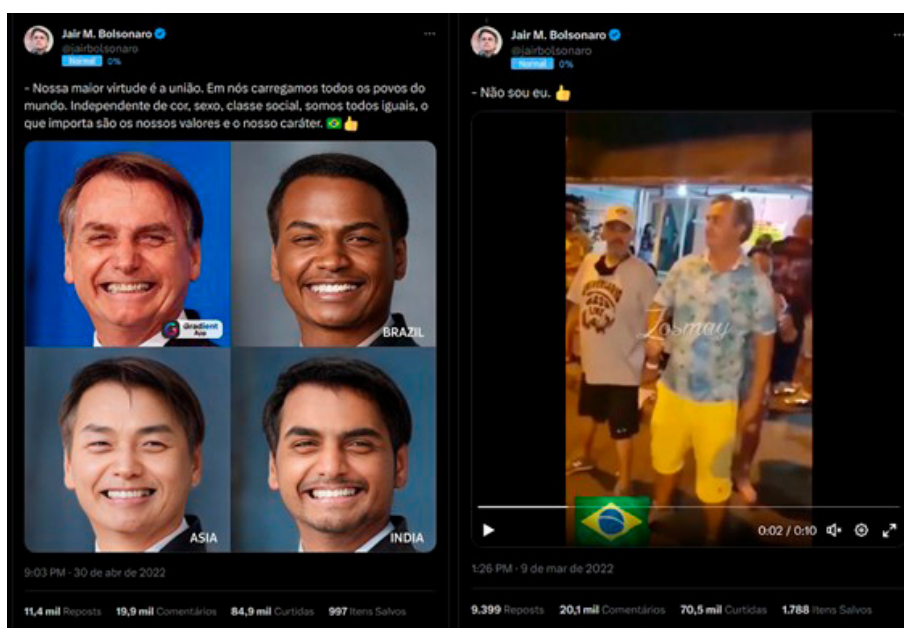
5.1.2.3. Apoio Internacional e Interações nas mídias

Outra categoria analisada que teve alto número de compartilhamentos foi a chamada de interações nas mídias sociais, compostas por memes compartilhados pelo presidente e mensagens para divulgação das ações de governo.

Nesta categoria, Bolsonaro aproveita os tipos de conteúdos que estavam viralizando no momento para capitalizar atenção para seu perfil. São *tweets* que têm muitas curtidas, comentários e compartilhamento que auxiliam a manter a página do presidente com bom engajamento.

Já a categoria de apoio internacional demonstra o esforço do presidente em tornar público suas ligações com personalidades norte-americanas, entre famosos como Elon Musk, até personagens da extrema-direita estadunidense, como o jornalista Tucker Carlson e o apresentador de *podcast* Joe Rogan. Neste período, Bolsonaro já atuava para enraizar sua influência na rede conservadora norte-americana, reforçando o alinhamento com o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e reforçando a rede de personalidades e políticos conservadores internacionalmente.

Figura 5. Interações nas mídias.



Fonte: Twitter.

6. Considerações finais

As lideranças populistas de direita, que ganharam grande espaço no contexto internacional, somadas a governos autocráticos que não seguem os preceitos das democracias liberais ocidentais já são responsáveis pela condução de mais da metade da população mundial. Pelo *Democracy Index 2021* da organização *The Economist*, 37% da população vive sob regimes autoritários, 17% sob regime híbridos, 40% sob democracias imperfeitas e 6% sob democracias plenas (EUI, 2021). Já o estudo *Freedom in the world 2022*, da organização Freedom House, aponta que somente 20% da população vivem em regimes democráticos enquanto 80% vivem sob regimes parcialmente democráticos ou não democráticos (Repucci e Slipowitz, 2022).

Além destes números, já bastante significativos e perturbadores, ambos os estudos indicam o crescimento de regimes não democráticos ou autoritários pelo solapamento das instituições através de um receituário que envolve a corrosão do estado de direito, a discriminação de minorias, o ataque à liberdade de imprensa e a descredibilização do processo eleitoral. Neste sentido, o Brasil tem se notabilizado por trilhar um percurso limítrofe rumo ao esmaecimento democrático, com variados casos que indiciam coerência a este método de ruptura dos preceitos das democracias empregados por lideranças populistas autocráticas.

Assim, quanto ao estado de direito, intervenções do governo federal em órgãos ligados direta ou indiretamente ao Poder Judiciário, como indicação

do Procurador Geral da República ignorando a usual escolha dentro da lista tríplice encaminhada em eleição direta feita pelos membros do Ministério Público Federal (De Lara e Rodrigues, 2019; Turollo *et al.*, 2019). Mudanças na cúpula da Polícia Federal (Motoryn, 2022; Galf, 2022) ou mudanças na legislação com finalidade eleitoral (Redação DW, 2022) demonstram o engajamento do presidente da República na interferência no âmbito do Judiciário.

A discriminação de minorias, principalmente aos LGBTQIA+ e aos fiéis de religiões de matriz africana, dialoga com a valorização da pauta de costumes de cunho cristão, grupo religioso que tem forte representatividade no bolsonarismo, e com relevante importância eleitoral. A valorização da família heteroparental, com a vedação ao casamento e à adoção de crianças por casais homoafetivos, além do discurso contra o aborto, podem ser enquadrados sob este viés de segregação sob uma perspectiva moralista e conservadora contra grupos progressistas. A condenação aos preceitos da umbanda e do candomblé, além da desqualificação de seus fiéis, usualmente caracterizados como devotos de entidades malignas e diabólicas, têm gerado o aumento de ataques a templos e fiéis e a consolidação da intolerância religiosa (Rios, 2019; Azevedo, 2022; Paraguassu, 2022; Vettorazzo, 2022).

O ataque à liberdade de imprensa tem sido recorrente e, em muitos casos, orquestrado, com o presidente da República e seu entorno sendo responsáveis por insuflar seus seguidores contra jornalistas e empresas de jornalismo. A organização não governamental *Repórteres sem Fronteiras* contabilizou 580 ataques à imprensa brasileira promovidos por pessoas ligadas ao presidente Jair Bolsonaro em 2020. Os ataques ocorreram principalmente no âmbito familiar dos Bolsonaro: o deputado federal Eduardo Bolsonaro lidera com 208 ataques a jornalistas, seguido pelo presidente, com 103 ataques, o vereador carioca Carlos Bolsonaro com 89, e o senador Flávio Bolsonaro com 69. Usualmente as redes sociais são as plataformas preferenciais para o ataque à imprensa: 409 ataques foram pelo Twitter, dez pelo Facebook e 17 durante transmissões ao vivo (*lives*) no YouTube (Schossler, 2021). O Relatório da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão referente a 2021 lista 46 ofensas à imprensa por parte de Bolsonaro, nas quais colocações como «certos órgãos de imprensa são fábricas de fake news» e «a grande mídia é uma fábrica de mentiras» intencionam desacreditar o trabalho da imprensa. Ou colocações como «você tem cara de homossexual», «ela queria dar o furo», «quadrupede», «idiota», dirigidas a jornalistas que acompanhavam declarações do presidente reforçam a perspectiva homofóbica e misógina que caracteriza a visão de mundo de Bolsonaro, em consonância ao discurso conservador cristão (ABERT, 2022).

Quanto à desacreditização do processo eleitoral, desde sua própria vitória na eleição de 2018, Bolsonaro ataca a credibilidade das urnas eletrônicas, com acusações sobre suposta fraude do processo de votação (alega que urnas registravam votos dados a ele, mas contabilizados para a oposição), a falta de integridade das urnas no processo de 2022, afirmando que o voto digital não é confiável e pode ser manipulado por interesses escusos, com insinuações ou mentiras já desmentidas oficialmente pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (Neiva, 2022; Pacheco et al 2022). Entretanto isto não é relevante para o presidente da República, pois ele questiona a própria idoneidade do TSE, o que acontece em sintonia com seus ataques perpetrados ao Supremo Tribu-

nal Federal (STF) em sua sanha acusatória contra o Judiciário, como quando afirma, em inédito encontro com embaixadores estrangeiros para atacar a idoneidade do sistema eleitoral e do Judiciário brasileiro com frases como «Atentar contra as eleições e a democracia, quem faz isso é o próprio TSE ao tentar esconder o inquérito de 2018», «O ministro Fachin foi quem tornou Lula elegível e agora é presidente do TSE», «O ministro Barroso foi advogado do terrorista Battisti e recebeu aqui o acolhimento do presidente Lula, em dezembro de 2010» ou «O ministro Alexandre de Moraes advogou para grupos que, se eu fosse advogado, eu não advogaria», em referência a uma infundada atuação de Moraes como advogado da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) (Redação Poder 360, 2022).

A realização do evento com embaixadores e as tais declarações de descredibilização do sistema eleitoral, em ato oficial de governo, resultaram na posterior perda de seus direitos políticos por oito anos (TSE Notícias, 2023).

De acordo com o cientista social Marcos Nobre (2019 e 2022), fomentar o caos é o método da administração Bolsonaro e, desta forma, ele opta por governar para uma base social e eleitoral minoritária, mas bastante barulhenta e engajada nas redes sociais, que vive sob a sensação artificial de participar efetivamente do governo ao se sentir influenciadora dos comportamentos e atitudes presidenciais graças à atenção que este dedica ao *social listening*³ de suas redes sociais para tomadas de decisão de questões secundárias para a nação, mas de impacto social potencializado por técnicas de insuflação artificial da opinião pública com uso de *bots* e ações orquestradas nas redes sociais (*astroturfing* digital) (Silva, 2015; Roxo, 2019).

O que este artigo também percebeu, com a análise do Twitter de Bolsonaro no período do estudo, é que além de pautar temas variados, que agendam a cobertura da imprensa graças à reverberação gerada nas redes sociais, ele também invisibiliza, em seu perfil, temas espinhosos para a sua administração. Em seu perfil não são encontradas menções sobre os esquemas de corrupção relacionados às vacinas Covaxin e Astrazeneca para controle da Covid-19 (ministério da Saúde); aos pastores lobistas, ônibus superfaturados e escolas *fake* (ministério da Educação), dentre outros variados escândalos vinculados à sua gestão na presidência da República, nem para apresentar o contraponto sobre as denúncias apresentadas.

Ficou evidente como a gestão da presença digital de Jair Bolsonaro em seus perfis mantém firme a estratégia de campanha permanente, buscando deixar as redes de apoiadores sempre em prontidão para o próximo movimento. Com isso as respostas às crises de governo, aos ataques da oposição e as mensagens que reforçam as pautas estratégicas para seu governo ganham grande repercussão rapidamente, pelo acionamento do exército de apoiadores prontos para engajar com estes conteúdos.

Com isso é possível entender que esta estratégia é lançada para não repercutir entre seus 8,6 milhões de seguidores no Twitter, 14 milhões no Facebook, 20,6 milhões no Instagram, 2,2 milhões no Tik Tok e 3,77 milhões

3. Acompanhamento ativo das redes sociais digitais

no Youtube, assuntos espinhosos e danosos à sua reputação, o que funciona como uma cortina de fumaça para distrair a opinião pública, técnica competente e efetiva desenvolvida na gestão de suas redes sociais (Motoryn, 2022b; Redação Estadão, 2022).

Desta forma, é possível afirmar que há método na ação do chefe de estado brasileiro, seja na criação de divergências com assuntos sem importância ou explorando tópicos de grande interesse, mas vinculando-os a notícias falsas e teorias da conspiração com uso recorrente de mecanismos retóricos usualmente utilizados em narrativas desinformativas como insinuação, pressuposição, descontextualização, inversão da relevância, ou mesmo difusão de boatos e mentiras, sempre objetivando desqualificar discursos de oponentes com doses de ironia e jocosidade, abordagem adequada num contexto em que a *memetização* da comunicação digital transforma questões complexas em reduções irônicas ou cômicas de situações variadas, carregando uma informação essencial desvinculada de racionalizações ou contextualizações, mas plena de preconceitos e estereótipos que são facilmente decodificados e absorvidos pelos receptores.

A utilização de conteúdos apelativos, insuflados por uma retórica do medo e uma narrativa belicosa faz jus à espetacularização da política (Debord, 1968; Schwartzberg, 1977) e dialoga diretamente com os anseios dos apoiadores mais ferrenhos. Esta construção narrativa demonstra um intenso conhecimento da dinâmica algorítmica que rege as conversações nas mídias sociais, o que garante uma hiperexposição (ou uma hipoxposição) aos perfis e aos temas levantados conforme os interesses personalistas da ocasião, numa estratégia de comunicação digital na qual tanto apoiadores quanto adversários auxiliam no processo de difusão destas narrativas.

Esta estratégia ativa de *astroturfing* e narrativa antissistêmica transcendeu seu período de governo terminado em 31 de dezembro de 2022 e redundou na histórica tentativa de golpe de estado perpetrada por seus apoiadores em 08 de janeiro de 2023, quando multidões de bolsonaristas, somadas à eloquente omissão da polícia militar do Distrito Federal e anomia das Forças Armadas, invadiram o Congresso Nacional e o Superior Tribunal Federal e divulgavam estes feitos através de redes sociais, numa tentativa explícita de fomentar o espraiamento do movimento revoltoso pelo país (Camazano, 2023; UOL, 2023).

O *putsch* de Brasília falhou, manifestantes foram identificados por postagens em redes sociais e acabaram sendo investigados, processados e presos; os envolvidos no desenvolvimento da trama estão sendo presos numa escalada hierárquica que aponta, de forma cada vez mais evidente, para aquele que já foi o principal mandatário da nação (Talento, 2023) e que continua encantando multidões, apesar dos crescentes indícios de peculato, improbidade administrativa e corrupção que emanam de sua gestão presidencial. O discurso messiânico ainda reverbera entre os mais radicais, mas o calvário de Bolsonaro parece seguir, indelével, a caminho da cruz cravada no centro do Complexo Penitenciário da Papuda, no Distrito Federal (Delgado, 2023; Pereira, 2023; Maakaroun, 2023).

Referências

- ABERT (2022): «Violações à liberdade de expressão: relatório anual 2021». *Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT*. Disponível em: <https://www.abert.org.br/pdf/ABERTRELATORIOANUAL2021.pdf>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Araujo, L. A. (2021): «Novo partido de Bolsonaro: PL esteve no centro do escândalo do mensalão no governo Lula». *BBC Brasil*, 11 novembro 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59243116>. Acesso em: 18 Ago.2023.
- Azevedo, R. (2022): «Discurso religioso pode impulsionar reeleição de Bolsonaro?» *DW*, 8 agosto 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/discurso-religioso-pode-impulsionar-a-reelei%C3%A7%C3%A3o-de-bolsonaro/a-62688259>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Azevedo Jr., A. C. (2005): *Imagem mundo*. Tese (Doutorado em Multimeios). Campinas, SP: Unicamp. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285127>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Azevedo Jr., A. C. (2021): «Fake news e as eleições brasileiras de 2018: o uso da desinformação como estratégia de comunicação eleitoral». *Revista Más Poder Local*, (44): 81-108. Disponível em: <https://www.maspoderlocal.com/index.php/mpl/article/view/fake-news-eleicoes-brasileiras-2018-mpl44>
- Bardin, L. (2011): *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil de Fato (2020). «Bolsonaro convoca manifestações contra o Congresso Nacional». *Brasil de Fato*, 26 fevereiro 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LQ5-0bhNJJk>. Acesso em: 18 ago.2023.
- Bresser-Pereira, L. C. (1990): «A crise da América Latina: Consenso de Washington ou crise fiscal?» Aula Magna no XVIII Encontro Nacional de Economia da ANPEC, Brasília, 4 dez. Disponível em: <https://bresserpereira.org.br/index.php/academic-papers/7252-240>. Acesso em: 20 ago.2022.
- Camazano, P. (2023): «Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos». *Folha de São Paulo*, 7 fevereiro 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>. Acesso em: 22 ago.2023.
- Carranca, T. (2022): «Bolsonaro derrotado: 10 armas usadas sem sucesso na tentativa de reeleição». *BBC News Brasil*, 30 outubro 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63419897>. Acesso em: 18 Ago.2023.
- Chomsky, N. (2017): *Quem Manda no Mundo?* São Paulo: Editora Planeta.
- Corrêa, F. (2022). «A república de Arthur Lira». *DW*, 22 julho 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-rep%C3%BAblica-de-arthur-lira/a-62556771>. Acesso em: 18 ago.2023.
- Davenport, T. H. e Beck, J. C. (2001): *A economia da atenção*. Rio de Janeiro: Campus.
- Debord, G. (1968/1997): *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 04 ago.2022.
- De Lara, M.A. e Rodrigues, D. (2019): «Entenda como funciona a eleição para a Procuradoria Geral da República». *Poder 360*, 17 junho 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/entenda-como-funciona-a-eleicao-para-a-procuradoria-geral-da-republica/>. Acesso em: 20 jul.2022.

- Delgado, M. (2023): «As acusações que pesam contra Bolsonaro». *DW*, 13 fevereiro 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/as-acusa%C3%A7%C3%B5es-que-pesam-contr-a-bolsonaro/a-64684213>. Acesso em: 18 ago.2023.
- EIU (2019): *Economist Democracy Index 2019: A year of democratic setbacks and popular protest*. The Economist Intelligence Unit. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2020/>. Acesso em:10 mai.2022.
- EIU (2020): *Economist Democracy Index 2020: In sickness and in healthy?*. The Economist Intelligence Unit. Disponível em: <https://pages.eiu.com/rs/753-RIQ-438/images/democracy-index-2020.pdf>. Acesso em:10 ago.2022.
- EIU (2021): *Economist Democracy Index 2021: The China Challenge*. The Economist Intelligence Unit. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2021/>. Acesso em:10 ago.2022.
- Entman, R. M. (1993): «Framing: toward a clarification of a fractured paradigm». *Journal of Communication*, 43(4): 51-58. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Ezequiel, V. C. e Ciocari, D. (2017): «Hate speech in contemporary politics: Trump won!». *Revista Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo*, 39(3): 29-59, set./dez.
- Fernandes, C. M. *et al.* (2016): «Campanha permanente de Dilma Rousseff: uma análise da comunicação governamental e das estratégias eleitorais». *Mediaciones Sociales*, (15): 81-100.
- Frazão, F. e Gayer, E. (2021): «Bolsonaro se filia ao PL». *Estadão*, 30 novembro 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-se-filia-ao-pl-com-aceno-a-politica-esboco-de-alianca-por-2022/>. Acesso em: 18 Ago.2023.
- Frazão, F. e Valfré, V. E. (2021): «Cúpula de novo partido de Bolsonaro reúne acusados de corrupção e até de tortura». *Estadão*, 326. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/maioria-dos-lideres-do-pl-nos-estados-esta-envolvida-em-processos-judiciais/>. Acesso em: 18 Ago.2023.
- Galf, R. (2022): «'Infralegalismo autoritário' de Bolsonaro afeta 4 áreas-chave do governo». *Folha de São Paulo*, 13 janeiro 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/infralegalismo-autoritario-de-bolsonaro-afeta-4-areas-chave-do-governo-entenda.shtml>. Acesso em 10ago2022.
- Gregolin, M. R. (2003): *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz.
- Grijelmo, Á. (2017): «Pós-verdade, a arte de manipular multidões». *El País Brasil*, 29 agosto 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html. Acesso em: 20 ago.2022.
- Gugliano, A. (2023): «¿Una elección sin fin? Notas sobre las elecciones presidenciales de 2022 en Brasil». *Revista Más Poder Local*, (51): 101-105. <https://doi.org/10.56151/maspoderlocal.136>
- Hall, S. *et al.* (1978): *Policing the crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. Londres, Macmillan.
- Jaguaribe, B. (1997): «Fins de Século: viagens no cosmopolitismo e na globalização». Em P. Menezes (org.): *Signos Plurais: mídia, arte e cotidiano na globalização*. São Paulo: Experimento.
- Kakutani, M. (2018): *A morte da verdade: Notas sobre a mentira na era Trump*. Rio de Janeiro, Intrínseca.
- Klein, N. (2017): *Não basta dizer não*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

- Lavareda, A. (2009): *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Maakaroun, B. (2023): «Veja por quais acusações Bolsonaro pode responder e as penas de cada crime». *Estado de Minas*, 3 mai 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/03/interna_politica,1489203/veja-por-quais-acusacoes-bolsonaro-pode-responder-e-as-penas-de-cada-crime.shtml. Acesso em: 03 ago.2023.
- Moliterno, D. (2022): «Aliança pelo Brasil acaba por falta de assinaturas». *CNN Brasil*, 30 abril 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/idealizado-por-bolsonaro-partido-alianca-pelo-brasil-acaba-por-falta-de-assinaturas/>. Acesso em: 18 Ago.2023.
- Motta, S. (2018): «A marca na política: o Partido Social Cristão e a comunicação integrada de marketing no processo de branding partidário». Dissertação Mestrado em Comunicação. Departamento de Comunicação Social – PPGCOM/UFPR, Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/55887/R%20-%20D%20-%20SUELEN%20HOMRICH%20MOTTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 ago.2023.
- Motoryn, P. (2022): «Bolsonaro troca diretor-geral da Polícia Federal pela quarta vez em menos de quatro anos». *Brasil de Fato*, 25 fevereiro 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/25/bolsonaro-troca-diretor-geral-da-policia-federal-pela-quarta-vez-em-menos-de-quatro-anos>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Motoryn, P. (2022b): «Acabou a corrupção?» *Brasil de Fato*, 12 abril 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/12/acabou-a-corrupcao-escandalos-sigilo-e-interferencia-em-investigacoes-desmentem-bolsonaro>. Acesso em: 10ago2022.
- Narita, F.Z. y Morelock, J. (2019): *O Problema do Populismo: Teoria, Política e Mobilização*. Jundiá, Paco Editorial.
- Neiva, L. (2022): «Bolsonaro ataca urnas eletrônicas com inquérito desmentido pelo» *TSE. Congresso em Foco*, 18 julho 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-ataca-urnas-eletronicas-com-inquerito-desmentido-pelo-tse/>. Acesso em 10 ago.2022.
- Nobre, M. (2019): «O caos como método». *Revista Piauí*, 151. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-caos-como-metodo/>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Nobre, M. (2022): «Bolsonaro usa eleição como escada para projeto golpista». *Ilustríssima conversa* [podcast]. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6vbw6XuO43MpgmGHbuyEzy>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Norberto, C. (2022): «Bolsonaro usa lema fascista na Hungria: 'Deus, pátria, família e liberdade'». *Estado de Minas*, 17 fevereiro 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/02/17/interna_politica,1345682/bolsonaro-usa-lema-fascista-na-hungria-deus-patria-familia-e-liberdade.shtml. Acesso em 18 ago.2023.
- Oxfam Brasil (2020): «Bilionários do mundo têm mais riqueza do que 60% da população mundial». *Oxfam Brasil*, 19 janeiro 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/bilionarios-do-mundo-tem-mais-riqueza-do-que-60-da-populacao-mundial/>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Oxfam (2022): «Inequality Kills: The unparalleled action needed to combat unprecedented inequality in the wake of COVID-19». *Oxfam International*, January. Disponível em: <https://policy-practice.oxfam.org/resources/inequality-kills-the-unparalleled-action-needed-to-combat-unprecedented-inequal-621341/>. Acesso em 10 ago.2022.
- Pacheco, C. et al. (2022): «Bolsonaro falseia informações sobre processo eleitoral em reunião com embaixadores estrangeiros». *Estadão*, 18 julho 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/bolsonaro-falseia-informacoes-sobre-processo-eleitoral-em-reuniao-com-embaixadores-estrangeiros/>. Acesso em 10ago2022.

- Paraguassu, L. (2022): «Em busca de eleitores, Bolsonaro reforça discurso conservador e pauta de costumes». Reuters, 14 julho 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/07/14/em-busca-de-eleitores-bolsonaro-reforca-discurso-conservador-e-pauta-de-costumes.htm>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Paul, C. e Matthews, M. (2016): «The Russian ‘Firehose of Falsehood’ Propaganda Model». *Rand Corporation*, 2016. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>. Acesso em 30 ago.2022.
- Pereira, F. (2023): «Bolsonaro pode ser responsabilizado em até cinco crimes». *CNN Brasil*, 08 maio 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-pode-ser-responsabilizado-em-ate-cinco-crimes-saiba-quais/>. Acesso em 22 ago.2023.
- Poder 360 (2020): «Bolsonaro convoca via WhatsApp ato contra Congresso e STF». *Poder 360*, 25 fevereiro 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-convoca-via-whatsapp-ato-contr-congresso-e-stf/>. Acesso em 18 Ago.2023.
- Ranzani, L. H. y Caram, N. R. (2019): «A migração da comunicação política para o ambiente digital: Twitter de jair bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018». *Revista Multiplicidade*, 9(9).
- Redação DW (2022): «O vale-tudo de Bolsonaro a poucos meses das eleições». *DW*, 14 julho 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-vale-tudo-de-bolsonaro-a-poucos-meses-das-elei%C3%A7%C3%B5es/a-62479105>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Redação Estadão (2022): «Governo Bolsonaro acumula escândalos de corrupção». *Estadão*, 22 junho 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/governo-bolsonaro-acumula-escandalos-de-corrupcao-confira-os-principais/>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Redação Poder 360 (2022): «Leia a íntegra do que disse Bolsonaro a embaixadores». *Poder 360*, 10 agosto 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-integra-do-que-disse-bolsonaro-a-embaixadores/>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Repucci, S. e Slipowitz, A. (2022): «Freedom in the World 2022». *Freedom House*. Disponível em: https://freedomhouse.org/sites/default/files/2022-02/FIW_2022_PDF_Booklet_Digital_Final_Web.pdf. Acesso em: 10 ago.2022.
- Rios, A. (2019): «Religiões de matriz africana são alvos de 59% dos crimes de intolerância». *Correio Brasiliense*, 11 novembro 2019. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/11/interna_cidadesdf,805394/religoes-de-matriz-africana-alvos-de-59-dos-crimes-de-intolerancia.shtml. Acesso em: 22 ago.2022.
- Robertson, R. (1992): *Globalization: Social Theory and Global Culture*. Sage-USA.
- Rodrigues, H. (2022): «Debate na Globo: Bolsonaro tem acesso de religiosidade e fala lema fascista ao vivo». *Fórum*, 28 outubro 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/10/28/debate-na-globo-bolsonaro-tem-acesso-de-religiosidade-fala-lema-fascista-ao-vivo-125654.html>. Acesso em: 18 ago.2023.
- Roth, K. (2021): «Com os autocratas na defensiva, os democratas estarão à altura da ocasião?». *Human Rights Watch*, 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2022/autocrats-on-defensive-can-democrats-rise-to-occasion>. Acesso em: 18 ago.2022.
- Roxo, S. (2019): «Governo Bolsonaro: recuos coincidem com rejeição a temas nas redes sociais». *O Globo*, 03 mar 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/governo-bolsonaro-recuos-coincidem-com-rejeicao-temas-nas-redes-sociais-1-23495533>. Acesso em: 18ago.2022.
- Rubim, A. A. C. (2004): «Espetacularização e Mídiação da Política». Em: *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba.

- Shalders, A. (2019). «Denunciado cinco vezes e alvo de dez inquéritos, Michel Temer vê Justiça acelerar ações». *BBC News Brasil*, 29 março 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47751869>. Acesso em: 10 Ago.2023.
- Schossler, A. (2021): «Bolsonaro e entorno fizeram 580 ataques à imprensa em 2020». *DW*, 25 janeiro 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-e-seu-entorno-fizeram-580-ataques-%C3%A0-imprensa-em-2020/a-56336532>. Acesso em: 18 ago.2022.
- Schwartzberg, R. (1977): *O Estado Espetáculo*. São Paulo, Ed. Círculo do Livro.
- Silva, D. R.(2015): *Astroturfing: lógicas e dinâmicas de manifestações de públicos simulados*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG.
- Silverstone, R. (2011): *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.
- Talento, A. (2023): «As mensagens de Bolsonaro a dono da Tecnisa: ataques a STF e ‘guerra civil’». *UOL*, 23 agosto 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/aguirre-talento/2023/08/23/as-mensagens-de-bolsonaro-a-dono-da-tecnisa-ataques-a-stf-e-guerra-civil.htm>. Acesso em 23 ago.2023.
- TSE Notícias (2023): «Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos». *Tribunal Superior Eleitoral*, 30 jun.2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 23 ago.2023
- Turollo Jr., R.; Uribe, G. e Coletta, R. D. (2019): «Bolsonaro despreza lista tríplice e indica Augusto Aras para o comando da PGR». *Folha de São Paulo*, 05 setembro 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/bolsonaro-ignora-lista-triplice-e-diz-a-augusto-aras-que-o-indicara-a-pgr.shtml>. Acesso em: 18 ago.2022.
- UOL (2023): «Recados, bombas, reuniões secretas: o roteiro da tentativa de derrubar Lula». *UOL*, 04 fevereiro 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/02/04/cronologia-acontecimentos-pos-eleicao-revelacoes-marcos-do-val.htm> Acesso em: 22 ago.2023.
- Vetorazzo, L. (2022): «Michelle ataca Lula e religiões de matriz africana». *Veja*, 09 agosto 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/michelle-ataca-lula-e-religoes-de-matriz-africana/>. Acesso em 10ago2022.
- World Inequality Lab (2021): *World Inequality Report 2022*. Disponível em: <https://wid.world/news-article/world-inequality-report-2022/>. Acesso em 10 ago.2022.



©Derechos del autor o autores. Creative Commons License. Este artículo está bajo una licencia internacional Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 4.0.
©Copyright of the author or authors. Creative Commons License. This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.